

O dia em que se criará o caos

Pior (para o país) do que um presidente da República mal informado, é um presidente da República que interpreta mal as informações que recebe. No primeiro caso, o mal se corrige, suprimindo o chefe de Estado com as informações necessárias; no segundo, por mais que seja informado, ele jamais terá condições de avaliar corretamente o que acontece a seu redor. Quando o presidente José Sarney diz a parlamentares que está satisfeito com a repercussão, na imprensa internacional e junto aos governos amigos, das medidas que adotou para suspender o pagamento de juros, acrescentando estar convencido de que os banqueiros credores concordarão em dar ao Brasil três bilhões de dólares em dinheiro novo, comete o erro de dar a impressão de interpretar mal as informações que recebe.

É tal o distanciamento da realidade que transparece dessas declarações, que seria o caso de perguntar se de fato o presidente da República lê os jornais com atenção, ou se se limita a passar os olhos por aqueles que lhe são simpáticos, dedicando seu "tempo de informação" à leitura das súmulas do SNI. Em sã consciência, não se pode acreditar que o chefe do governo, num momento difícil como este, esteja preocupado com as críticas que recebe dos grandes jornais brasileiros, indo buscar consolo junto à imprensa estrangeira, que segundo s. exa. teria compreendido de maneira excepcional seu gesto de salvar o Brasil da ganância dos credores. É difícil aceitar que essa visão distorcida da realidade seja a do presidente — infelizmente, porém, quando se somam dois mais dois, e se busca concatenar diferentes fatos, só se pode concluir que o chefe do governo enxerga o mundo através de lentes distorcidas.

Ou será que o sr. José Sarney deseja expor-se voluntariamente a situações constrangedoras? Pode interpretar-se de outra maneira o fato de haver tecido loas à boa vontade das autoridades estrangeiras visitadas pelo seu ministro da Fazenda, em especial às da França e da Itália — além de, em nível menor, dos Estados Unidos e do próprio FMI —, no exato dia em que o presidente do Banco Mundial afirmava que o governo brasileiro está "improvisando um pouco" em matéria de política econômica, e que só poderá esperar ter acesso a financiamentos de longo prazo se desenvolver programa econômico digno de crédito e que faça sentido para o futuro? O presidente brasileiro não necessitaria ver confrontadas suas palavras com as do sr. Barber Conable, se soubesse ler corretamente as informações que todos os dias a imprensa nacional e a estrangeira publicam sobre essa estranha viagem do sr. Dilson Funaro, buscando apoio dos governos contra os bancos privados dos países que tem visitado. Não tendo sabido interpretar corretamente os fatos — ou não desejando vê-los em sua clareza —, s. exa. foi levado a confundir boa educação com apoio; interesses setoriais imediatos (como nesse estranho caso do *supplier's credit* francês) com endosso a uma política que poderia ter pé e

cabeça se fosse formulada com coerência, o que não é. O resultado aí está — a reforçar a tese, segundo a qual, depois de desorganizar conscientemente a economia, o grupo que integra o governo paralelo agora deseja lançar o Brasil ao confronto direto com os Estados Unidos, servindo-se do ressentimento do sr. José Sarney contra a imprensa e os empresários como escudo protetor.

Outras fossem as fontes de informação de s. exa., e o sr. José Sarney teria com o que se preocupar de fato neste fim de semana, além de com a duração de seu mandato. Por exemplo, com a advertência que o ministro da Fazenda acaba de fazer em Roma: "Nossa cartada é decisiva e não tem volta" e, por isso, o Brasil terá de fazer sacrifícios na hipótese (muito remota, segundo ele) de os bancos credores simplesmente decidirem suspender todas as linhas de crédito comercial e interbancário de curto prazo. O ministro até parece um crítico de sua própria política, alinhando o desastre que espera todos nós e o mundo: os bancos brasileiros no Exterior quebrariam, inúmeros bancos credores também quebrariam, seria uma situação de caos.

Dificilmente um general — exceto o cabo Hitler quando a guerra já estava perdida e a paranóia comandava suas ações — entraria numa batalha sabendo que a alternativa à vitória era fatalmente o caos! O máximo que se permitiria aceitar nos seus planos seria a retirada estratégica, ou a própria rendição com honra. O ministro Funaro, em sua passagem por Roma, seguramente influenciado pelas memórias do Duce, que ainda assombram as ruas romanas, deve estar pensando que mais vale um dia de leão do que cem anos de carneiro. Por isso, entrevê no futuro o *Goetterdammung*, o caos a derrubar todas as estruturas do sistema financeiro internacional e do Brasil — que não compreende seus esforços para salvá-lo e ao mundo — também!

É um clima alucinado este em que os brasileiros estão vivendo! A embaixada brasileira em Washington foi tomada de surpresa pelas duras frases do presidente do Banco Mundial. Por que a surpresa? Ou será que os diplomatas brasileiros também se deixaram contaminar pela visão de que, sendo o Brasil o umbigo do mundo, diante dele devem prostrar-se os servidores de Mamona, o deus fenício da cobiça, aceitando as condições do sr. Funaro para reformar o sistema financeiro internacional? Surpresa, por quê? Durante a viagem do ministro Funaro, o governo brasileiro não fez outra coisa senão dar estocadas em todos aqueles com os quais seus emissários conversavam.

O presidente José Sarney não vê estas coisas — para s. exa. são apenas invenção da grande imprensa nacional, que estaria ligada, segundo se insinua em Brasília, a interesses estrangeiros. Por acreditar nessas tolices, o chefe do governo brasileiro não terá anotado que também o presidente do Eximbank afastou a possibilidade de restabelecer linhas de crédito de médio e longo prazo para o Brasil. Afastou essa possibilidade porque não sabe aquilo que está

acontecendo em Brasília — e o fez antes de saber que o ministro da Fazenda havia deixado claro, em Roma, que o governo dos Estados Unidos está criando dificuldades ao entendimento porque o governo Sarney não apóia a política de Reagan na Nicarágua, nem está disposto a fazer concessões comerciais no campo dos investimentos ao capital estrangeiro. O presidente do Eximbank não acreditará, seguramente, em que o sr. Dilson Funaro tem certeza de que o governo norte-americano quer o caos; pelo sim, pelo não, no entanto, comunicou que não emprestará mais ao governo brasileiro enquanto ele não colocar em prática um programa econômico que seja consistente. Em outras palavras, o presidente do Eximbank deixou claro que não emprestará dinheiro para o governo brasileiro comprar produtos norte-americanos enquanto em Brasília não houver disciplina e planejamento. Será essa posição compreendida pelo presidente Sarney?

Tudo isso que sumariamos será miera invenção? Será que o presidente José Sarney não se deu conta de que o governo paralelo — aquele formado pelos cogulados da Unicamp e de outras procedências (mas da mesma extração ideológica) — está pretendendo conduzir o Brasil ao confronto com o sistema internacional para (imaginar!) criar o caos mundial e, assim, conseguir para o Brasil as condições ideais que qualquer devedor deseja para si? Se o presidente não vê a conjura em marcha, o SNI deveria estar atento a ela — ou também na área de informações não se deseja ver a realidade tal qual é, ou se a fabrica de modo a que o presidente não a enxergue?

Dia 31 de março, o Brasil tem um encontro marcado com seu destino. Não por ser aniversário do movimento de 1964 — esse acontecimento já se perdeu nas brumas da memória nacional. É porque nesse dia vencem os compromissos dos bancos credores com o Brasil no tocante ao suprimento das linhas de crédito de curto prazo. Por *n* motivos, poderão renová-las — e até acreditamos que o poderão fazer? Se, porém, eles não renovarem esses créditos, como ficará o Brasil? Diante dessa hipótese trágica, seria a melhor política, essa do ministro Funaro, de anunciar o caos e sem apoio nos fatos acusar o governo norte-americano, criando o desassossego interno e expectativas negativas no Exterior? E será a melhor política, essa do presidente Sarney, de isolar-se do mundo, lendo súmulas malfeitas — ou propositadamente dirigidas a dar-lhe uma visão distorcida do mundo — e encontrando por toda a parte, nas críticas que lhe dirige a grande imprensa, o sintoma da traição à pátria, que de antemão denunciou? Ou será que s. exa., o presidente da República, ainda não sabe que existe um governo paralelo, que faz a política econômica e agora conduz a política externa. Esse governo paralelo deseja empurrá-lo para o confronto com os Estados Unidos e para situações internacionais supostamente sem volta. Para isso, chamamos a atenção do presidente da República.